

17024 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 10 - Ensino Fundamental

GOVERNAMENTO DA INFÂNCIA: MECANISMOS QUE OPERAM NO ESPAÇO DA SALA DE AULA DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Rachel Moreira Almeida Rodrigues - PPGEDU/UFRGS

## **GOVERNAMENTO DA INFÂNCIA: MECANISMOS QUE OPERAM NO ESPAÇO DA SALA DE AULA DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**RESUMO:** objetiva-se, com esse trabalho, analisar práticas de governo da infância que operam no espaço da sala de aula, pensando nos mecanismos e estratégias que atuam para a condução de conduta das crianças. O presente trabalho é um recorte de uma dissertação que tem como pergunta de pesquisa: Como o governo da infância se exerce nas práticas escolares do primeiro ano do Ensino Fundamental? As bases teóricas encontram-se nas discussões sobre poder, disciplina e governo, a partir, principalmente, de Foucault (1987, 2021) e Veiga-Neto (2000, 2007, 2011). A metodologia é um estudo de inspiração etnográfica (Klein, Damiano, 2012) em uma turma de 1º ano de uma escola de Porto Alegre/RS. Os métodos de produção de dados são a observação participante da turma e a entrevista narrativa (ANDRADE, 2012) com a professora. Produziu-se como material empírico um álbum com as fotos do espaço da sala de aula e com excertos anotados no diário de campo. Como resultado, percebeu-se que as estratégias adotadas pela instituição e pela professora compõem o currículo do 1º ano. A escola adota estratégias de controle corporal pelo poder disciplinar e a professora governa as crianças através de práticas de condução de condutas, privilegiando o ensinamento pedagógico.

**PALAVRAS-CHAVE:** 1º ano do Ensino Fundamental; Governo da infância; Estudos foucaultianos.

Este trabalho é um recorte de uma dissertação de mestrado, intitulada “As práticas de governo da infância em turmas do 1º ano do Ensino Fundamental”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa dos Estudos Culturais. Nesta dissertação, buscou-se investigar e analisar o cotidiano escolar, levando em conta as práticas, rotinas e espaços escolares das crianças do 1º ano do Ensino Fundamental, a partir das relações de poder, na perspectiva do governo da infância, alinhado com os estudos foucaultianos. Neste trabalho, o foco será a análise das práticas de governo que ocorriam no espaço da sala de aula, pensando nos mecanismos e estratégias que operam para a condução de conduta das crianças.

O poder, para Foucault (2021), é uma relação de forças que age na conduta, atuando na produção de saberes. Essas forças não estão na mão de atores específicos e não surgem de um centro, mas estão distribuídas de forma difusa pelo tecido social (Veiga-neto, 2007). O poder disciplinar se consolida a partir do estabelecimento, ou de mudanças, do saber e práticas presentes no ambiente que atua, na lógica da modernidade. Ele atua tanto no nível do corpo, o que resulta nas formas particulares de estar no mundo, quanto no dos saberes, de conhecer o mundo e se situar (Veiga-neto, 2007, p. 71). A disciplina exerce seu controle sobre o

desenvolvimento das ações do corpo a partir da observação de gestos e comportamentos específicos, visando selecionar o mais eficaz. Além disso, implica uma vigilância constante dos indivíduos, pelo registro contínuo de seus atos, para classificá-los e medi-los, de forma a utilizá-los ao máximo, visando atingir sua singularidade (Foucault, 2021).

O uso da disciplina, se mostrou uma técnica de poder com resultados mais profundos nos indivíduos e de maneira mais econômica, através da fiscalização de muitos por poucos, como no exemplo do dispositivo panóptico. A lógica do dispositivo panóptico se adaptou às instituições em maior ou menor grau, instaurando uma vigilância permanente em seus efeitos, com o vigiado estando à mercê do vigilante, mesmo que essa vigilância não seja sempre contínua em ação (Veiga-neto, 2007, p. 70). Mais do que outras instituições, a escola, por seu caráter de “sequestro” (onde passamos um tempo considerável de nossas vidas) se encarregou de “[...] operar as individualizações disciplinares, engendrando novas subjetividades e, com isso, cumpriu um papel decisivo na constituição da sociedade moderna.”

A governamentalidade pode ser definida “[...] como o esforço de criar sujeitos governáveis através de várias técnicas desenvolvidas de *controle, normalização e moldagem* das condutas das pessoas.” (Fimyar, 2009, p. 38, grifo da autora). A governamentalidade, portanto, busca examinar a relação entre as maneiras que a verdade é produzida e as práticas de governo, sendo utilizada nesta pesquisa tanto como ferramenta conceitual quanto como uma lente metodológica.

O governo compõe os estudos da governamentalidade. Estes estudos buscam examinar, questionar e problematizar “[...] determinados aspectos de quem pode governar, o que é governar, o quê ou quem é governado e como isso é feito (Foucault, 1991, p. 103; Gordon, 1991, p 2-3 *apud* Fimyar, 2009, p. 37). Utilizo o governo como ferramenta analítica pois este é ligado ao ato de governar, no sentido de conduzir a conduta dos indivíduos (Veiga-Neto, 2002), no caso desta pesquisa, das crianças. Segundo Fimyar (2009), há um caráter de diagnóstico ao se observar as práticas que visam governar os sujeitos, pois visibiliza quais poderiam ser feitas de maneira diferente, permitindo uma problematização de tais práticas.

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, e teve como metodologia um estudo de inspiração etnográfica em uma escola de Porto Alegre/RS, a partir da observação da rotina de uma turma de 1º ano e da realização de uma entrevista narrativa com a professora. O foco da etnografia pós-moderna são as interações e relações do cotidiano, pensando-se nos significados e sentidos que permeiam o contexto (Knauth, 2010 *apud* Klein, Damínico, 2012), podendo ser utilizada para produzir dados a partir de realidades e experiências subjetivas. A observação permite um contato pessoal do pesquisador com o objeto da pesquisa, possibilitando que utilize dos seus conhecimentos como um auxílio na compreensão do fenômeno pesquisado, mas também apreendendo a perspectiva dos sujeitos desta realidade (Ludke, André, 1986). Já a entrevista narrativa permite que os sujeitos entrevistados se auto narrem a partir das práticas discursivas que os constituem (Andrade, 2012), nesse caso, como docentes.

Observou-se 76h de cotidiano escolar e, para registro, no momento da observação, utilizou-se um diário de campo em formato de caderno escolar, buscando permanecer o mais familiar

possível dentro daquele contexto. Foram registradas fotos dos espaços permeados na rotina da turma, como a sala de aula e espaços coletivos, e do mobiliário. Construiu-se, com esses registros escritos e fotográficos, um álbum da turma, como material empírico. A construção do álbum foi um processo também analítico, pois operou-se sobre a empiria, organizando-a em agrupamentos. Para isso selecionou-se os excertos que deixavam pistas dos mecanismos, estratégias e práticas que visavam governar a conduta das crianças.

Considerou-se o currículo, alinhado com a perspectiva pós-crítica, não somente como os documentos legais com suas descrições de habilidades e conteúdos, mas como um espaço de poder que busca reproduzir uma estrutura de sociedade por meio da seleção de determinados conhecimentos, considerados mais válidos que outros (Silva, 1999). O currículo, dessa maneira, não é somente o texto, mas seus discursos que ocupam um lugar de ditar o que é considerado verdadeiro dentro de um contexto, constituindo e transformando o sujeito (Foucault, 2015). A maior parte do álbum é formada por mediações que não possuem relação direta com o que está efetivamente escrito nos documentos legais, mas também fazem parte do currículo que visa forjar um determinado sujeito, revelando a presença de práticas de governamento da infância.

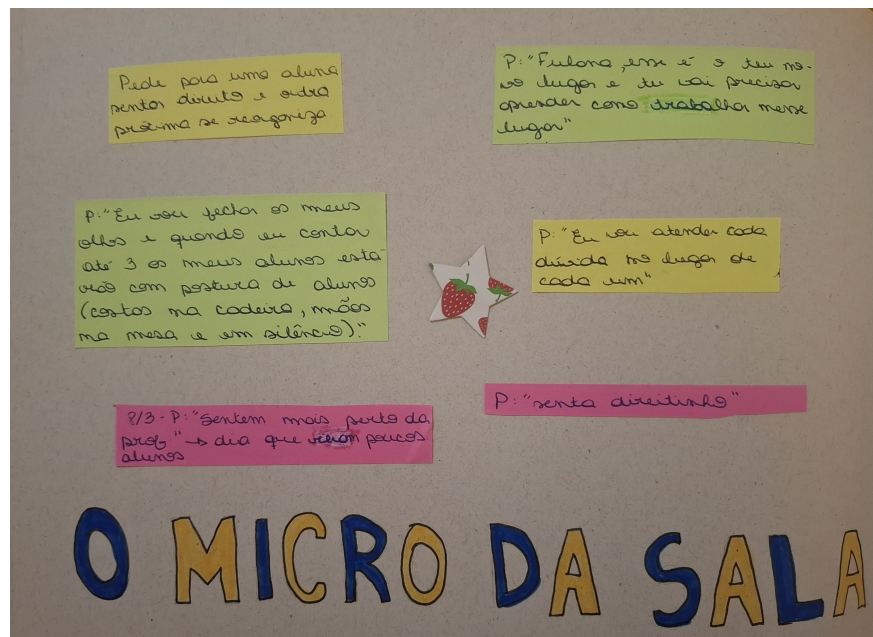
Discute-se aqui sobre o mecanismo do espaço na sala de aula, empregado visando o controle e disciplinamento das crianças. Os mecanismos são por onde o poder atua, já que ele funciona em rede (Foucault, 2021), como se fosse a engrenagem que faz uma máquina, a escola, por exemplo, funcionar. Para isso, os mecanismos funcionam a partir de estratégias. No caso desta pesquisa, essas estratégias foram adotadas pela instituição e pela professora. Uma das práticas do espaço que fazem o poder disciplinar funcionar é o arranjo espacial da sala de aula. Ela é dividida internamente, pensando no seu mobiliário: em intervalos, filas, corredores. Essas divisões ligam a disciplina com os espaços arquitetônicos (Giddens, 2003), determinando “[...] nossas atitudes, permanências, resistências e convivências no mundo” (Rocha, 2000, p. 24), através da ordenação e regulação dos indivíduos pelo poder disciplinar.

Essas divisões não são somente espaciais, são também curriculares (Giddens, 2003). Ou seja, o currículo justamente existe “[...] nos espaços que o delimitam ou o permitem [...]” (Rocha, 2000, p. 24). Segundo Rocha (2000), a distribuição interna da sala de aula e seus elementos, além de compor o espaço escolar e arquitetônico, demarca também o pedagógico, as práticas escolares que formam sujeitos. Além disso, faz parte do chamado currículo oculto, já que o espaço por si só delimita nossas ações e o seu uso é ensinado pela professora, que busca formar sujeitos que controlam a si mesmos nesses espaços da maneira mais eficaz e eficiente possível.

Numa análise mais micro do espaço, a sala de aula é organizada por classes individuais que eram rearranjadas no espaço pela professora. Esse espaço individual, segundo Foucault (1987, p. 142), permitiu “[...] o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos.”. Isso foi percebido na dinâmica da aula observada, em que cada estudante organizava seu espaço com os materiais necessários e faziam a proposta ao mesmo tempo, com a professora conseguindo visualizar em que passo cada um estava. A professora utilizava-se de práticas de governamento do corpo como: pedir para arrumarem a postura, explicando que era com as costas na cadeira, mãos na mesa e silêncio; orientar que atenderia as dúvidas de cada um na

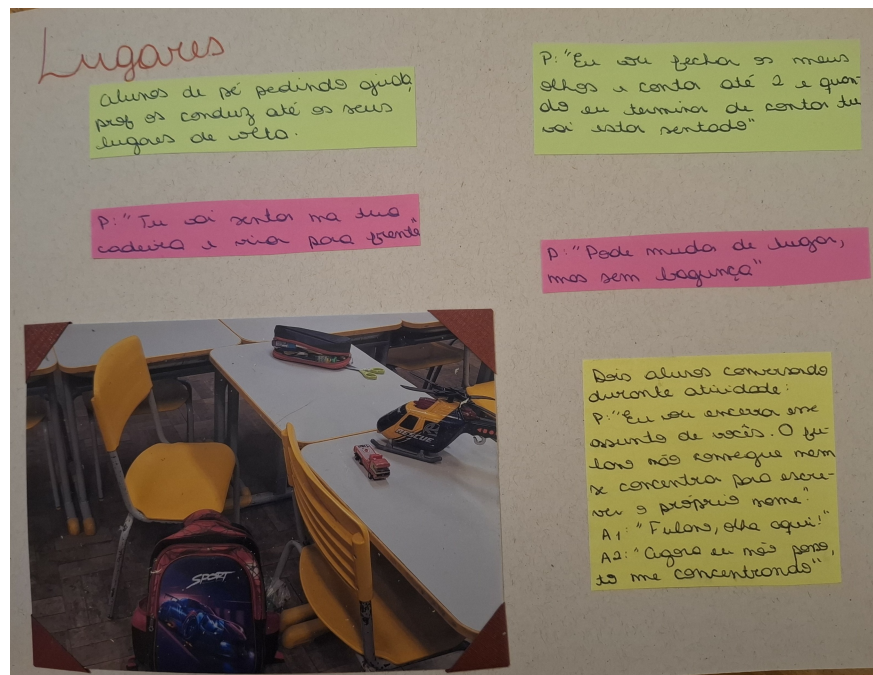
própria classe individual e conduzindo-os de volta ao lugar quando iam até ela para dúvidas. A seguir estão as fotos de duas páginas do álbum que possuem relatos dessas práticas.

**Figura 1 - O Micro da sala**



Fonte: Foto do material empírico da autora.

**Figura 2 - Lugares**

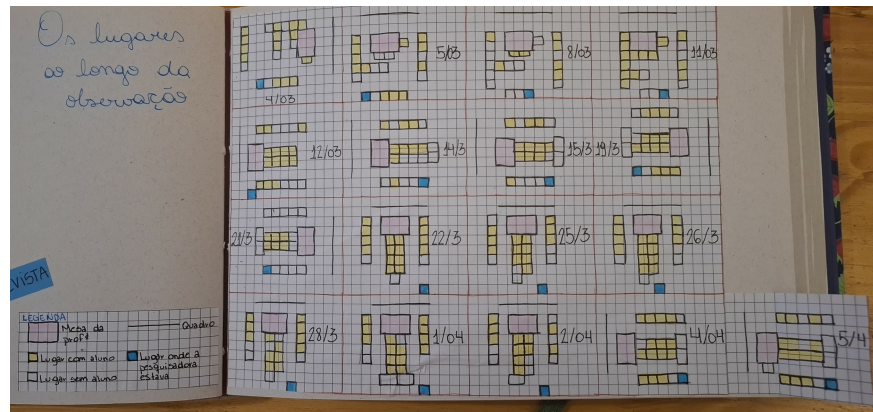


Fonte: Foto do material empírico da autora.

Além disso, mesmo a professora não organizando a sala com as classes em filas, elas eram arranjadas de forma que existissem corredores de passagem, pelos quais ela transitava enquanto os estudantes trabalhavam, mantendo o controle e o olhar vigilante presente sobre todos e cada um. Lembra-se que a classe escolar é um artefato de máxima individualização (Varela, Alvarez-Uria, 1992), um dos princípios do dispositivo panóptico, uma das tecnologias

disciplinares de controle social. A seguir imagem dos lugares ao longo do período de observação.

**Figura 3** - Os lugares ao longo da observação

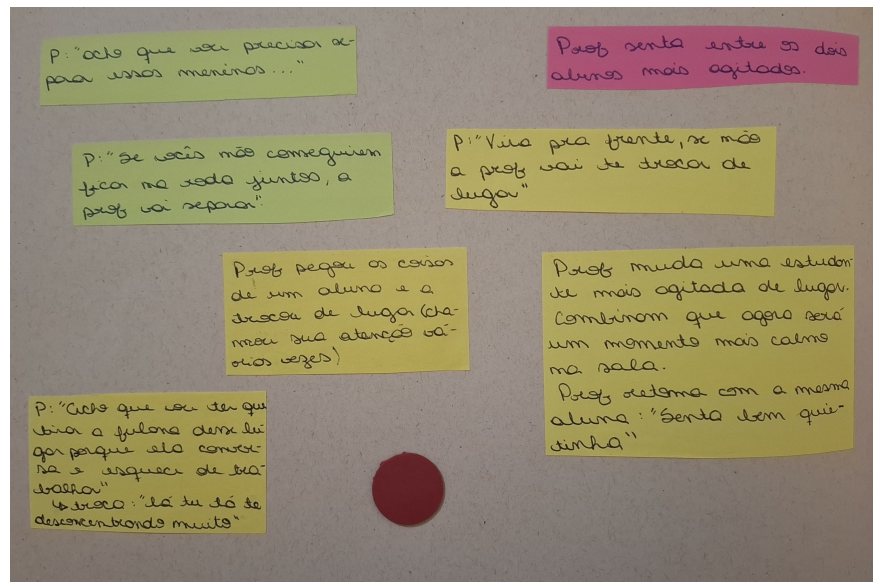


Fonte: Foto do material empírico da autora.

Mesmo as classes sendo este artefato de individualização, os lugares próximos e a socialização causavam condutas em que eram necessárias intervenções de controle corporal. Como o objetivo da professora é que os estudantes aproximem-se da aprendizagem, algumas condutas são percebidas como distanciadoras deste objetivo. Por isso, em situações em que as ações dos estudantes precisam de mais disciplinamento, a professora utilizava-se de práticas de: avisar os estudantes que precisavam sentar adequadamente para se concentrar na atividade; alertar que trocariam de lugar; dar chances, avisando-os e alertando-os novamente; demonstrava compreensão pela amizade entre as crianças, entendendo porque estavam conversando, mas reforçando que o momento não era adequado; e efetivamente trocando-os de lugar, através da orientação verbal ou fisicamente levando os materiais do aluno para outra classe. Acredita-se que a sequência dessas práticas fornecia oportunidades para os estudantes buscarem controlar suas ações, com a resolução do problema sendo de responsabilidade do aluno. Quando este ainda não consegue resolver sozinho, a professora soluciona para ele, visando sua aprendizagem. Abaixo há duas fotos, do álbum, com relatos neste sentido.

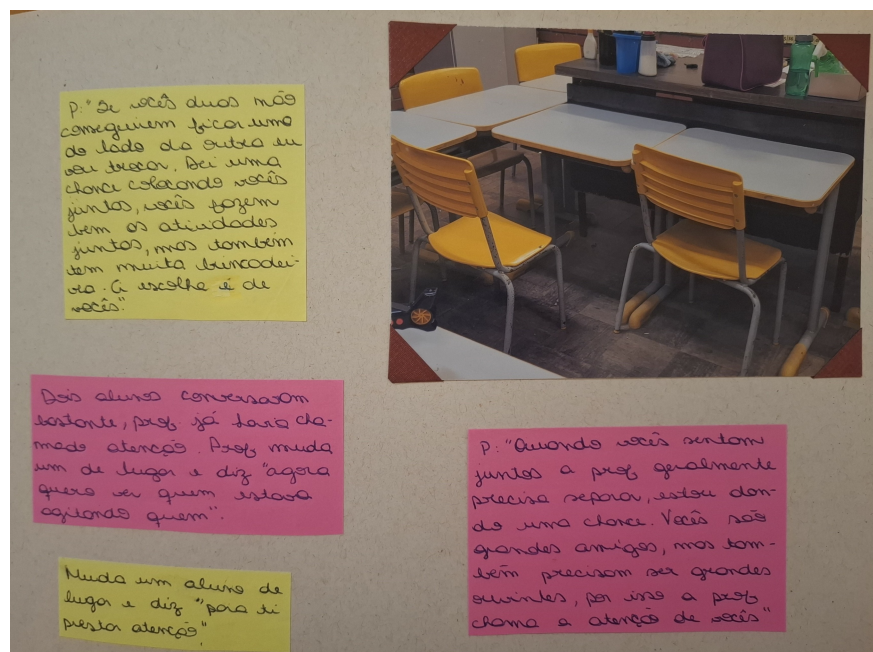
**Figura 4** - Relatos





Fonte: Foto do material empírico da autora.

Figura 5 - Mesas



Fonte: Foto do material empírico da autora.

Percebeu-se, a partir da análise, que as estratégias adotadas e mediações feitas também compõem o currículo da escola e do 1º ano. A instituição adota estratégias de controle corporal por meio do espaço físico da escola, como no mobiliário, que delimita o espaço do estudante, objetivando um controle disciplinador pela individualização (Rocha, 2000). Já a professora, privilegiando o ensinamento pedagógico, seleciona as ações e comportamentos dos alunos que contribuem ou não para a aprendizagem, governando as crianças através de práticas de condução de condutas, selecionando as ações e os comportamentos adequados para o contexto escolar.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (orgs). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições. 2012. p. 173-194.

FIMYAR, Olena. Governamentalidade como ferramenta conceitual na pesquisa de políticas educacionais. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, n. 34, v. 2, 2009. p. 35-56.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2021. p. 431.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. p. 288.

GIDDENS, Anthony. Notas críticas: Foucault sobre distribuição de tempo e de espaço. GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**, v. 2, p. 171-190, 2003.

KLEIN, Carin; DAMICO, José. **O uso da etnografia pós-moderna para a investigação de políticas públicas de inclusão social**. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Mazza Edições, Belo Horizonte, v. 2, 2012.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E. D. A. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986. p. 99.

ROCHA, Cristianne Maria Famer. **Desconstruções edificantes: uma análise da ordenação do espaço como elemento do currículo**. Orientador: Alfredo Veiga-Neto. Porto Alegre, 2000. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/27853> Acesso em: 30 mar. 2023.

SILVA, Tomas Tadeu da. Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. A Maquinaria Escolar. In: **Teoria e educação**, 6, 1992. p. 69-97.

VEIGA-NETO, Alfredo. Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. In: CASTELO BRANCO, G.; PORTOCARRERO, V. (Org.). **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: Nau, 2000a. p. 179-217.

VEIGA-NETO, Alfredo. Coisas do governo... In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. L., VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. P.13-34.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. São Paulo: Autêntica, 2007.